

CONTESTAÇÃO E SUPERAÇÃO: UMA LEITURA DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

Soraya do Lago ALBUQUERQUE
Universidade Federal de Mato Grosso
E-mail: soraya.albuquerque@hotmail.com

Resumo: O presente estudo visa explicitar as questões culturais, sociais e identitárias acerca do primeiro romance moçambicano de autoria feminina, *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane, objetivando assim, neste artigo, destacar os elementos presentes que caracterizam a sociedade desse país como representativa de uma sociedade fragmentada, resultante da imposição do colonizador. Através desse romance vai sendo apresentada uma proposta instigante de contestação e resistência por meio da protagonista, Rami, que, na narrativa busca formas de superação e de não conformismo com a situação que está posta no universo moçambicano. Adotaremos como balizas para traçar esse quadro os estudos em que são apresentadas as representações discursivas que produzem uma nova identidade frente à diversidade cultural, como, por exemplo, os de Homi Bhabha (2001), que salienta que a cultura que passou pela subjugação ou dominação emerge como uma cultura que está para além dos cânones, através de circunstâncias que são denominadas por ele de interacionais e que, portanto, vão revelar uma cultura de produção irregular incompleta que nasce da necessidade da sobrevivência social.

Palavras-chave: mulher moçambicana; identidade; contestação; superação.

1. Introdução

Pretendemos mostrar com esse estudo o entendimento sobre a construção da identidade feminina, enfatizando as questões culturais e apresentando, através da obra *Niketche - uma história de poligamia* (2002), da escritora Paulina Chiziane, traços que irão desenhando a mulher moçambicana que não é mais uma mulher submissa e passiva, pois a ela vai ser dada voz através da protagonista da obra, Rami, uma mulher que determinadamente vai se rebelar com a traição do marido quando se depara com a poligamia dele, envolvendo mais quatro mulheres, sendo que todas elas criaram famílias com ele, tiveram filhos, porém, em uma condição de subalternidade, se forem comparadas com a própria protagonista. A reação da personagem ao se decidir a procurar as outras mulheres do marido é uma postura de superação frente ao regime que está posto, porque ela não se conforma com a sua situação e vai buscar superar a sua raiva e sentimento de inferioridade por ter sido traída por Tony, procurando as outras mulheres dele. Esse fato revela ao mesmo tempo a diversidade cultural entre as mulheres do sul e as mulheres do norte do país, desenhando, assim, um quadro que vai revelando as sociedades pós-coloniais e a sua fragmentação.

A escritora, quando nos oferece uma protagonista resistente a esse sistema, nos oferece também uma visão de que há possibilidades de mudança no quadro feminino que existe em Moçambique e que a voz que ela dá à sua personagem principal pode ser estendida a todas as mulheres moçambicanas, que não querem mais se calar, que não querem mais abrir mão de suas raízes, seus ritos, mas que também não querem mais

aceitar a imposição cultural que lhes foi imposta pelo colonizador, no intuito claro de pacificar e de controlar a mulher e a própria sociedade. Apresentaremos uma análise à luz dos estudos de autores conhecidos, como Homi Bhabha (2001) e Edward Said (1994) e discorreremos sobre essa identidade, essa fragmentação, mostrando de que forma a própria colonização interferiu no sistema social que se apresenta nas sociedades pós-coloniais., assim como temos também como objetivo mostrar que a escritora revela ao mundo ocidental uma forma de resistência ao nos apresentar a protagonista Rami, forte e determinada, a lutar por aquilo que ela acredita que é justo.

2.Um diálogo entre escritora e a personagem Rami à luz de uma realidade pós-colonial

A obra *Niketche - uma história de poligamia* caracteriza a sociedade de Moçambique como sendo fragmentada, resultante da imposição cultural do colonizador, pluralizando ainda mais a diversidade cultural e linguística em um cenário que fora (des)construído a partir dessa intenção direta do colonizador sobre o colonizado, transformando, assim, a África em um tapete de recortes fragmentados e díspares, com muitas vozes caladas que procuram espaços para serem ouvidas, de uma ou de outra forma neste viver que se aloca no que é conhecido como o entre-lugar. Said ressalta a importância da atual situação em que se começa a despontar muito mais que uma acomodação nacional e diz:

Começamos a sentir que a velha autoridade não pode ser simplesmente substituída por uma nova autoridade, mas que estão surgindo novos alinhamentos independentes de fronteiras, tipos, nações e essências, e que estes novos alinhamentos que agora provocam e contestam a noção fundamentalista estática da identidade (SAID, 1994 , p. 27).

A relevância da literatura africana de língua portuguesa recai sobre o fato de que a mesma emerge em um cenário que busca justamente a definição de um status-quo próprio e que foi por consequência da colonização (des)construído e que vai, através do resgate de suas próprias memórias historicizadas e enraizadas em sua cultura primária, tentar de alguma forma superar o desconforto de viver não-pertencimento, contestando e delatando tudo aquilo que favorece o desaparecimento de suas memórias, representações diretas de uma identidade própria que lhes pertencia de direito.

A escritora Paulina Chiziane tem um papel de destaque nessa literatura, em seu artigo intitulado “Eu mulher em Moçambique”, a própria autora afirma que o seu objetivo primeiro e de maior satisfação será quando ela própria conseguir despertar, nas suas companheiras moçambicanas, o desejo de se serem audazes, corajosas, veementes, de superar e tentar vencer a dor e o sofrimento plantados em seus corações pela sua situação atual em Moçambique (CHIZIANE, 1994, p. 13). A autora vai além disso e diz que ela própria havia descoberto o lugar de pertencimento sa mulher, não só nas tarefas domésticas que competiam a ela, que se limitavam ao aprender a vida e sobre a vida, na escola e no lar, mas sim, que ela mesma tinha direito a um espaço próprio, um espaço de maior liberdade e de maior anseio, o espaço de uma mulher com uma vida própria nesse mundo, e não apenas na sociedade que fora colonizada, e que, pelo colonizador foi sendo empurrada a um paredão que, de fato, por muito tempo, não deu voz e nem direito a essa mulher.

À mulher, segundo a autora, seria possível também aprender sobre a vida através das relações que não estariam limitadas apenas aos muros domésticos e escolares, sendo assim possível que ela participasse de um mundo aberto e de direito pertencente às mulheres, dando assim vazão às necessidades de “ser” no universo feminino também, não apenas no universo masculino de superioridade.

A escritora se coloca em uma situação de propiciar e gerar meios em que esse perfil feminino comece a ser contestado pela própria mulher e que ela própria vá buscando através de seus registros literários e fictícios possibilidades de descortinar o mundo masculino, patriarcal na qual ela se encontra, duas vezes dominada e subjugada, a primeira pelo próprio colonizador e a segunda pelo próprio sistema patriarcal e polígamo.

A escritora além de ser a primeira mulher a publicar um romance neste contexto, onde as vozes femininas são ainda pouco, ou quase que nada ouvidas, vai muito além das barreiras que a palavra poderia lhe oferecer para instrumentalizar através de sua narrativa a voz da mulher africana e os seus desejos por ora reprimidos e sufocados, desenhando um panorama real da situação atual da mesma, onde sua protagonista Rami vai entoar a dança da rebeldia, a dança da contestação em relação ao presente modelo social. A protagonista desse romance de Chiziane é uma mulher decidida, que deseja se auto-afirmar, deseja se auto-conhecer e também deseja ser respeitada em seus desejos, inclusive o de ser amada e o de amar, fato também desejado pela escritora para todas as mulheres moçambicanas.

Os personagens de Chiziane vão dar vazão ao retrato dos sujeitos advindos que trazem consigo uma necessidade urgente de se encontrar, de se posicionar uma vez que a sua voz será expressa por escritores que agora retratam as nuances do que foi vivido pelo seu povo, mostram as vozes de uma nação que vai falar por “si mesma”, onde escritores e personagens irão dialogar insistentemente para que, apesar da hibridação pela qual esteve exposto, seja possível que esse sujeito pós-colonial se encontre e se defina, conseguindo conquistar um espaço que desloque deste então chamado de entre-lugar e deixe de carregar consigo o comportamento e a concepção de vida degenerescente do não-pertencimento. Bhabha (1998) é enfático quando salienta em seu livro *O local da cultura* que a própria nação é uma narrativa. Isso não poderia ser diferente, mediante tantos registros que vão dando voz e vão buscando libertar tantas histórias que foram se perdendo no vazio dos silêncios das rupturas, causadas pelas dores da própria hibridação e imposição do colonizador frente ao seu homem colonizado e domesticado.

O mundo que se apresenta para esse homem colonizado e literalmente aculturado deve também lhe oferecer meios de autonomia, sobrevivência e independência, para que ele possa superar de uma forma ativa os seus traumas, as lacunas adquiridas pela imposição do colonizador, procurando caminhos para que ele passe a existir, exilando-se do mundo que não lhe pertence e, buscando nesse espaço do entre-lugar, o seu próprio referencial cultural.

Para Bhabha, o sujeito pós-colonial ocupa um espaço diferente que é pelo escritor intitulado como sendo um “entre-lugar”, que pode ser definido como o espaço intersticial de tensões de poder atravessadas por questões de raça (e etnia), classe, gênero e sexualidade. Esse entre-lugar designado pela existência da diáspora é caracterizado pela desterritorialização e reterritorialização, bem como pela implícita tensão entre a vida aqui e a memória e o desejo pelo lá. Observe-se a fala de Rami:

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Não, não sou de lá. Ele diz-me

que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá, pode expulsar-me de lá. O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci. [...] Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro. No mapa da vida não tenho nome. [...] Uma sombra sem sol, nem solo, nem nome. Não, não sou nada. Não existo em parte em parte nenhuma (CHIZIANE, 2002, p. 90).

Podemos perceber que o não pertencimento é doloroso, esvazia o homem no seu próprio sentir e existir. Ele segue afirmando que o sujeito pós-colonial é tido como um sujeito marginal, desprovido de todas as suas raízes, seguindo o discurso do colonizador, fato este que coloca o homem colonizador em uma situação de superioridade e de supremacia em relação ao próprio sujeito pós-colonial.

A situação de não pertencimento do homem colonizado é apresentada em muitas obras onde espaços mostram-se totalmente divergentes do espaço que antes pertencera a esta nação que fora deslocada, em que suas próprias raízes foram arrancadas e nada lhes restou para determiná-los neste novo lugar, neste seu Novo Mundo. Na fala de Rami podemos confirmar essa referência: “Em lugar de destruir as escolas de amor, por que não reformá-las? O colonizado é cego. Destroí o seu, assimila o alheio, sem enxergar o próprio. E agora?” (CHIZIANE, 2002, p. 44).

Seguindo ainda o mesmo viés dessa reflexão, segundo Bhabha (2003):

...o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução (BHABHA, 2003, p. 111).

Esse fato fica evidenciado na fala de Rami, quando diz que “o colonizado é cego” (CHIZIANE, 2002, p. 44). Essa apresentação distorcida e refratária que é apresentada sobre o perfil do homem pós-colonial poderá se mostrar diferente se ele próprio buscar se impor através de sua própria cultura, desligando-se ou tentando fazer isso da cultura que lhe foi imposta, a do colonizador. É preciso que os espaços que foram sendo hibridados busquem por sua consolidação, por uma voz autônoma, que conferirá a este novo povo condições de se ausentar da situação de estar “às margens” do outro, no caso, colonizador.

Chiziane nos apresenta justamente esse cenário em sua obra *Niketche - uma história de poligamia* e nos convida a adentrar e a conhecer esse mundo híbrido, marcado pela presença da cultura de seus ancestrais, rememorada através de alguns ritos e magias peculiares àquele povo, mas que também assume um novo perfil e nos apresenta em sua protagonista vozes de contestação e uma necessidade de mudar o que não deve continuar como está, ansiosa pela liberdade de seus direitos enquanto mulher e enquanto alguém que faz parte de um determinado ambiente, de forma ativa e não passiva, capaz de reivindicar o seu lugar em uma sociedade que por enquanto emudece e abafa as vozes femininas de serem ouvidas.

A escritora narra a história de Rami, uma mulher que tem consigo a segurança e a tranquilidade de ser amada e de ser a única esposa durante seus vinte anos de casamento com Tony, que desempenha um papel de importância na sociedade, é um oficial de polícia, um comandante, pertence a um alto posto na escala social, fato este que não o impede de ter relações extra-conjugais com mais quatro mulheres, mesmo pertencendo ele a uma sociedade monogâmica.

Rami, em uma tentativa desesperadora de entender o que teria levado o marido à poligamia, dirige-se ao espelho e pergunta a ele sobre o que poderia ter acontecido, e a resposta que ela recebe não é convincente e conclui-se que essa resposta retrata o perfil social em que a mulher moçambicana é enquadrada, no perfil da aceitação, da submissão, da subalternidade, conforme cito a seguir:

Encostei meu rosto no espelho e chorei perdidamente. Ganhei o controlo de mim mesma e olhei de novo. A imagem do espelho sorri. Dança e voa com leveza de espuma. Levita como um jaguar correndo felino nas florestas do mundo. Era a minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior, correndo em liberdades nos caminhos do mundo. ano coragem e pergunto.

_ Espelho meu, o que pensas de mim?

_ Sossega. Não há, neste mundo, mulher mais bela do que tu.

_ Espelho meu, existe neste mundo, mulher mais triste do que eu?

_ Há. Há milhões de milhões em todo o mundo.

_ Diz-me, espelho meu. Haverá no mundo mulheres mais traídas do que eu?

_ São todas. Todas! No amor, todos os homens são traidores (CHIZIANE, 2002, p. 247).

Rami se sente desolada ao descobrir as traições do marido, porém, ela é ainda a mais respeitada nesse contexto em que ocorreu a poligamia, pois ela na hierarquia que é apresentada na narrativa é a que ocupa o melhor lugar, o de ser a primeira esposa e, ainda assim, é considerada culpada pela traição dele e pelas suas procuras incessantes.

Em uma das reuniões em que fora conclamada a família, a anciã profetiza e atribui toda a culpa da desgraça que ocorreu a partir da descoberta de Rami das outras vidas conjugais de Tony à protagonista, visão comum naquela sociedade:

_ Rami, tens que assumir responsabilidade do que se passou com Tony. Ele perdeu a vida por tua culpa. Eu digo que sim.

_ Ele começou a arranjar mulheres lá fora e acabou por se tornar polígamo, porque não o satisfazias. Porque tinhas sempre a mesa mal posta e a cama fria. Porque és altiva e nada compreensiva. Porque não sabias amar e nem conviver.

Eu digo que sim.

A feiticeira és tu, Rami. Se não fosse essa tua mania de juntar as esposas, nada disso teria acontecido. Juntaram-se e as cinco fizeram correntes negativas dentro desta casa.

Eu digo que sim.

_ O feitiço é seu. Mataste-o para evitar o divórcio e ficares com os bens do falecido.

Eu digo que sim (CHIZIANE, 2002, p. 211).

Pode-se perceber que a protagonista se culpa e é também responsabilizada por todos aqueles que estão a lhe julgar, desmedida e dolorosamente. Percebe-se que, ao homem, cabe o papel de poder se sentir insatisfeito e procurar o que lhe satisfizesse, reivindicando os seus direitos de marido e de homem superior em sua condição social, o e ser o patriarca, o chefe.

As “outras” mulheres, no caso, também consideradas esposas de Tony pela sua própria mãe e que são mantidas no anonimato não têm a mesma tranquilidade que Rami tem, e é por esse fato que ela é tida como a responsável e culpada direta pela morte do

marido quando ele desaparece, pois apenas ela, Rami, havia cobrado e reivindicado os seus direitos de esposa, ao passo que as outras quatro mulheres, além de viverem em situação de anonimato, têm também seus filhos em uma vida de não reconhecimento, vivendo às margens da sociedade e em nenhum momento da narrativa questionam seus direitos de esposa e de também mães de outros filhos com Tony.

Rami desmorona ao se dar conta que toda a sua vida fora pautada em sentimentos que nunca foram recíprocos e que a sua fidelidade teria sido vã, ou seja, a vida dela toda teria sido uma mentira. A personagem sofre e se lamenta muito, passa a ter um sentimento de vingança no primeiro momento da descoberta e decide por procurar as quatro “outras” esposas de Toni, dando vazão aos sentimentos e atitudes que vão lhes parecendo similares com os de suas rivais, até então rivais.

A escritora vai se valendo dessa narrativa para mostrar as formas e condições com as quais a mulher pós-colonial se defronta no seu dia a dia, não poupando ao leitor detalhes da violência, da submissão, da ausência e da dor, que nada mais é do que um forte relato sobre a atual condição da mulher moçambicana.

Chiziane vai desnudando ao leitor uma sociedade patriarcal e machista e vai lentamente usando a sua narrativa para revelar ao mundo quem são as mulheres que estruturam esta sociedade, quais são as suas condições de vida, o que elas esperam e desejam para o seu futuro. Observe o trecho que segue: “aos homens nunca se deve prestar contas certas. Os homens foram feitos para controlar e as mulheres para trabalhar” (CHIZIANE, 2003, p. 120).

Ao mesmo tempo, a personagem vai entoando voz própria de autonomia e de reflexão, que vai contagiando o leitor ao se deparar com uma tentativa de buscar pela reconstrução de sua identidade, objetivando encontrar o seu próprio ser quando começa a indagar o que acontece com ela mesma e a se colocar em uma situação de mudança de comportamento na qual se encontra, ela aponta a sua condição de subserviência e de submissão total ao seu esposo.

Porém, no decorrer da narrativa, a posição assumida pela protagonista não é mais a posição de submissão e obrigação para com o marido, em seu dever de servi-lo e de nunca contestá-lo, conforme verifica-se nessa passagem: “Desperto inspirada. Hoje quero mudar o mundo” (CHIZIANE, 2002, p. 19). Rami se sente motivada a lutar pelo amor do marido e decide usar a seu favor as relações extra-conjugais dele e segue decidida para a busca das mulheres de Tony, na tentativa de compreender os motivos que o teriam levado a traí-la.

Até esse momento, a personagem vai se deparando com ela mesma e vai tentando identificar os motivos responsáveis pela poligamia do marido. Rami questiona a sua própria culpa em relação a essa situação, e, quando se vê perdida nesse mundo desconhecido para ela até então, começa a dialogar com o seu espelho, no desejo louco de descobrir e de ter as respostas para os seus questionamentos.

Quando ela se defronta com o próprio espelho, sente que uma outra mulher, uma “intrusa” invadiu o espaço dela, e a sua baixa-estima corrobora para uma forte depreciação dela mesma.

- _ Quem és tu? _ pergunto eu
- _ Não me reconheces? Olha bem pra mim.
- _ Estou a olhar, sim. Mas quem és tu?
- _ Estás cega, gêmea de mim.
- _ Gêmea? Não sou gêmea de ninguém. Dos cinco filhos de minha mãe, não há gêmeo nenhum. Estou diante de meu espelho. Que fazes tu aí?

- _ Estás cega, gêmea minha. Por que choras tu?
Solto da boca uma enxurrada de lamentos. Conto toda a tristeza e digo que as mulheres desta mundo me roubam o marido.
- _ Pode-se roubar uma pessoa viva, ainda por cima um omandante da polícia?
- _ Um marido rouba-se, nesta terra.
- _ Não sejas criança, gêmea minha. Ele cansou-se de ti e partiu.
- _ Mentos (CHIZIANE, 2002, p. 16).

Percebe-se que a personagem se vê totalmente desprovida de si própria, não se reconhecendo em seu espelho, fato que podemos apontar como uma fuga da condição na qual ela se encontrava naquele momento, uma negação de sua própria identidade que fora desconstruída no momento em que se depara com a condição de não ser mais a única mulher de Toni, e sim ser apenas a primeira, num universo em que coexistem mais quatro.

A protagonista do romance dialoga com o leitor quando apresenta a reunião que foi solicitada por Tony para reclamar do desleixo de suas quatro esposas:

-Boas vindas -disse o Tony aos presentes -, sentai-vos e escutai atentamente a ingratidão destas mulheres. A maldade delas. As feitiçarias delas. Elas unem-se e conspiram contra a minha intimidade. Dão-me azar e a minha vida corre mal (CHIZIANE, 2002, p. 151).

Não satisfeito com a denúncia sobre o comportamento irreverente das esposas que para ele era totalmente inadequado continua: “-Elas faltam-me ao respeito, não se colocam no seu lugar, não me obedecem, confrontam-me, não me tratam como deve ser” (CHIZIANE, 2002, p. 152). Nesse momento da narrativa, a autora deixa bem claro que não há mais nenhum tipo de submissão por parte da esposa de Tony e que ele está sendo punido pelo seu mal comportamento, incitando assim as mulheres da sociedade moçambicana a se verem refletidas nesta mesma situação. Depois das reclamações de Tony, é a vez de Rami se pronunciar:

Cerramos as nossas bocas e as nossas almas. Por acaso temos direito à palavra? E por mais que a tivéssemos, de que valeria? Voz de mulher serve para embalar as crianças ao anoitecer. Palavra de mulher não merece crédito. Aqui no sul, os jovens iniciados aprendem a lição: confiar numa mulher é vender a tua alma. Mulher tem língua comprida, de serpente. Mulher deve ouvir, cumprir, obedecer (CHIZIANE, 2003, p. 154).

O sentimento de pesar e de reconsiderar a situação por ora posta nos leva a indagar junto com a protagonista sobre o verdadeiro papel dessa mulher na sociedade em que se encontra. O trecho que segue mostra bem o papel de subserviência da mulher na sociedade, porém aponta também para ela própria uma situação de insatisfação em relação ao próprio “não amor”, em relação a uma situação que está posta e que deve ser mantida tal qual está. A conselheira amorosa chama a atenção de Rami sobre a responsabilidade dela ao ter que manter acesa a chama do amor no seu casamento, deixando muito claro que é dela esse papel e que ela é a culpada por tudo o que é decorrente dessa falta de amor:

Não ter amor não é sina, é desastre. Aprende em esta minha lição. O amor é um investimento. Nasce, morre, renasce, como o ciclo do sol. Olha, não diz que não te ensinei. O amor é pavio aceso, cabe a ti manter a chama. Tudo o resto são truques, minha linda. Técnicas, Artimanhas. Tudo na vida é mortal, tudo se apaga. Se a tua chama se apaga, é em ti que está a falta. Faz o que te digo e magia nenhuma te derrubará nesta vida. Tu és feitiço por excelência e não deves procurar mais magia nenhuma. Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma mulher (CHIZIANE, 2002, p. 42).

Percebe-se que a conselheira atribui a Rami toda a responsabilidade sobre o sucesso ou o fracasso do casamento dela, e essa realidade pode ser estendida às mulheres moçambicanas que vivem imersas nessa sociedade fragmentada e um tanto quanto desigual, no que diz respeito às mulheres e os homens.

A escritora mostra-se determinada a apresentar às suas leitoras que o desconforto feminino na situação de sua personagem pode ser o mesmo que elas próprias vivem e que é necessário que a mulher seja mais determinada quando se tratar de definir o seu espaço e a sua postura na sociedade em que se encontra.

Chiziane vai traçando ao leitor o perfil das diferentes culturas que existem entre o sul e o norte de Moçambique e vai dessa forma apresentando os mitos, as crenças, os ritos de iniciação ao amor, as belezas entre as mulheres das duas regiões e acredito que, assim, vai além disso tudo, mostrando que apesar dessas diferenças culturais, uma coisa existe e é comum às duas, a poligamia

3. Considerações Finais

Paulina Chiziane foi a primeira escritora moçambicana a escrever um romance e a tê-lo mesmo publicado, fato que a coloca em uma situação de destaque e de respeito em sua sociedade, promovendo também uma discussão inicial entre as mulheres moçambicanas sobre o seu verdadeiro papel na sociedade, ou seja, a sua produção de romances marca um diferencial na produção literária de seu contexto e também é um diferencial no universo feminino moçambicano, tendo em vista que a maior produção literária até a publicação de sua obra era feita em poesias.

Chiziane também abre as portas para uma produção literária inovadora, tanto em relação ao gênero que produz, no caso, o romance e também faz uma literatura de contestação ao dar voz às mulheres moçambicanas através de suas personagens, que são determinadas e nada satisfeitas com o que o regime colonial lhes deixou de legado, a herança cultural da supremacia masculina em relação à inferioridade e à subalternidade feminina, assim apresentada por essa cultura do homem colonizador e tão facilmente absorvida pelo homem colonizado.

Referências

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [1994, 333p. junho de 1994, Republica de Moçambique].
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. New York: Vintage, 1994.
- WALTER, Roland. **Afro-América. Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas**. Recife, Coleção & Letras, 2009.